

DONJUANISMO: UM JEITO DE VIVER*

Izabel Cristina Borba Pedreira

*Si soy así'
¿qué voy a
hacer? pa'
mí la vida
tiene forma de mujer'*

Letras de música, relatos de divã, histórias de amigas, queixas femininas sobre determinado jeito masculino de lidar com uma mulher e, posteriormente, um paciente, autêntico exemplar dessa categoria, contribuíram para esse trabalho.

Albert Camus trabalha esse tema da perspectiva da existência, da inadequação do homem ao mundo e sua relação com a vida e a morte. Ele escolhe três tipos, três estilos de vida que encarnam o homem absurdo: o conquistador, o amante e o comediante. Todos eles buscam extrair da vida o mais que possam, esgotar-se nela e com ela *...y que larga serie de dias para quien sabe estar vivo*. O homem absurdo não usa a religião ou qualquer outra forma de mascarar a morte, usa a vida, de forma peculiar, porque não tem a ilusão da eternidade.

Dentre esses três, o amante, o Don Juan é o que abordaremos aqui tentando entender o que leva a esse personagem – que, através dos tempos, consiste em causar horror e atração às mulheres, a gozar de forma muito específica – a não construir um futuro, a ser levado em uma aparente *dolce vita*, para lembrar Fellini. Neste filme, o personagem de Marcelo Mastroianni se deixa levar de uma mulher a outra, de uma história a outra como um efêmero objeto de gozo para a mulher. É que, para D. Juan, não importa quem seja a mulher, importa que seja uma mulher e quando é uma mulher é para dar lugar a outra. Como diz Lacan, no Seminário da Angústia, basta que tenha *odor di femina*.

¹ Trecho da letra do tango *Si Soy Así*. Lomuto/ Botta.

* Trabalho apresentado na Reunião Lacanoamericana de Psicanálise de Bahía Blanca 2009 e, posteriormente, publicado na *Revista Bordas da Psicanálise* n° 2. Salvador: Elba Editora. 2010.

Sob a ótica de Camus (1985), D. Juan não pensa em colecionar mulheres porque colecionar é ser capaz de viver do próprio passado. Ele não é nostálgico, não sabe contemplar retratos. Como todo homem absurdo, ele não se separa do seu tempo. Esgota seu número e com elas suas probabilidades de vida. Por não ter a ilusão da eternidade, a vida de Don Juan é um eterno presente, uma eterna juventude, uma existência dedicada a gozos sem amanhã³.

O mito do jovem libertino percorria a Europa desde remotas épocas e no século XVII surge esse personagem contado pelo frade Gabriel Tellez, conhecido como escritor sob o pseudônimo Tirso de Molina. Esse relato, entre tantos, é considerado o mais próximo à lenda de Don Juan.

Don Juan é composto de sedução, engano e fuga. Para ele, a mulher depois de conquistada não serve mais, foge para os braços de outra que terá o mesmo destino.

Essa transitoriedade pode ser traduzida no uso da palavra *ficar*. Sai uma noite, *fica* com alguém e isso não implica que amanhã continuará.

Esse *ficar*, implicando a transitoriedade mencionada, na realidade é um paradoxo porque a palavra *ficar*, segundo o Dicionário do Aurélio, *quer dizer estar, permanecer em um lugar e, também namorar sem compromisso, durante um curto espaço de tempo, às vezes, por uma noite*. Seria uma atual forma de donjuanismo?

Dentro desse contexto é freqüente, na prática analítica, escutar, nos relatos, diferentes nomes de com quem *ficou*.

Quem está nesse processo de *ficar*, em algum momento *fica*, vamos dizer assim, por mais tempo com alguém e estabelece um vínculo.

Mas, além do fenômeno *ficar*, sempre houve e continua havendo – e agora vamos falar dos homens – os que se diferenciam pelo prazer na arte da sedução, pelo prazer de fisgar uma mulher através dos seus recursos retóricos e outros mais e, uma vez a presa abatida, não se interessar mais por ela e partir para a próxima. Não se fixa,

³ Camus, Albert. *El Mito de Sísifo*. Madri: Alianza Losada. 1985.

não mantém um relacionamento porque o gozo maior está, justamente, em seduzir. Até aqui, nenhuma novidade, é um tema clássico.

Nesse contexto, gostaria de relatar, brevemente, a história de um paciente com estas características, embora elas não constituíssem a sua queixa. A sua questão eram as crises de angústia.

Tinha quarenta e poucos anos, muitas mulheres na sua história e nenhum vínculo mais duradouro. Sua vida era trabalhar, fazer coisas como todo mundo e, à noite, sair para caçar uma mulher. Se numa noite ia para a cama com uma, no dia seguinte, já estava pensando na amiga da que saiu com ele na noite anterior. E assim sempre levou a vida, nessa contínua confirmação fálica, confirmação de que ele tem o que ela não tem.

Como um autêntico D. Juan, as situações mais complicadas eram as mais atrativas. Assim, sair com a mulher do amigo ou ter um caso simultâneo a outro era sempre mais excitante.

Esse tipo de vida, essa forma atuada de levar a vida não impedia as crises de angústia. Essa ilusão de *ser igual a si mesmo*, como veremos a seguir, não era suficiente para evitar as crises de angústia ao aprendiz de Don Juan. Muitas vezes acordava à noite, angustiado, e não sabia por quê, e isso o levou a procurar tratamento.

No percurso da análise foram se desprendendo alguns relatos que davam conta da sua dificuldade para transitar por situações e/ou etapas diferentes. Por exemplo, como foi difícil, às vezes dilacerante, sair de uma escola para outra porque a primeira já não tinha mais a graduação que ele teria que cumprir. A passagem do tempo o angustiava muito. Falava repetidas vezes de acontecimentos na infância e na juventude como uma forma de coagular o tempo porque ter mais de quarenta anos, para ele, era velhice e fonte de angústia. Embora se angustiasse muito com essas mudanças, como muitas coisas na sua vida eram efêmeras, assim também a análise. Passou na seleção para um mestrado, ocupou-se muito com isso, as crises de angústia diminuíram, sentiu-se melhor, deixou o tratamento.

Por que, além das interpretações clínicas, da questão edípica, do seu fantasma, por que ele precisava agir assim? Por que tantas mulheres? Às vezes, duas, ou três, simultâneas, sem nenhum vínculo mais profundo com nenhuma? Por que esta dinâmica de vida? Uma forma de estar sempre só? Por que tanto pavor à passagem do tempo?

Pensando nessas perguntas, lembro que para D. Juan Tenório, o personagem do Burlador de Sevilha, cada conquista feminina era uma verdadeira façanha, implicava uma logística, implicava um risco, um risco de morte, o seu gozo era seduzi-la, roubá-la de outro, e gozar e fazê-la gozar pela primeira vez com ele e não com o outro. A aventura perigosa era a sua adrenalina. E ele se jogava com tudo, até que, numa dessas façanhas, encontrou a morte ainda na sua juventude. À diferença de Casanova que colecionava mulheres para depois escrever as suas memórias, como o fez, D. Juan não pensava nisso, pensava em qual seria o melhor caminho transgressivo, burlador, para conseguir aquela que estava prometida a outro. Ele não tinha tempo para pensar, saía de uma aventura para outra. Pensar, implicava pensar também no tempo e na morte. E a morte para ele era a dos outros, não a dele. Ele não a temia, ele a enfrentava. Estranho paradoxo: ele não a temia mas não parava para pensar sobre ela, principalmente no ato de suas arriscadas aventuras. Deixava para depois, porque quando estivesse na inevitável velhice e a certeza da morte próxima, isso não iria lhe importar porque lembraria (trata-se de lembrar, não de colecionar) de todas as mulheres com as quais ficou. Se regozijaria nas lembranças de suas aventuras.

Lacan diz:

... uma mulher sempre pensa que um homem se perde, se extravai com outra mulher. D. Juan lhe assegura que há um homem que não se perde em nenhum caso⁴.

Por que não se perde? Por que esta lista de mulheres está a lhe confirmar o que ele tem, ou não se perde porque não fica com nenhuma? Ou por que seu gozo está em enganar uma mulher mais do que gozar com ela, *burlá-la*? Uma mulher atrás da outra também é a confirmação de que é sempre desejado, de que tem o que falta ao grande Outro.

Quando, no jogo de sedução, o homem busca o objeto de desejo, e o outro (partenaire) está nesse jogo como objeto, há angústia porque implica que ele é barrado, porque para gozar algo tem que cair. E a angústia do homem está enlaçada à possibilidade de não poder.

Enquanto ela quer meu gozo, quer dizer, gozar de mim, a mulher suscita minha angústia... é na medida em que se trata de gozo, em que é meu ser o que ela quer, que ela só pode consegui-lo castrando-me.⁴

Partindo do fato de estrutura que é a falta, o homem deixa ver o que não há. Essa é a sua impostura. Essa impostura Lacan a articula com o mito de Don Juan, a de que um homem é igual a si mesmo. Não lhe falta nada (não castrado). Por isso, diz ele, Don Juan é um sonho feminino.

O prestígio de Don Juan está ligado à aceitação desta impostura: sempre está ali, no lugar de outro: é, por assim dizer, o objeto absoluto⁵.

Se, para ele, seduzir era uma forma empírica de estar vivo, continuar com uma mulher depois de seduzi-la era uma forma de morrer porque significava que seria ela e nenhuma outra mais, que ela seria a última e isso é igual a não viver.

Como se essa consciência da morte e de uma vida que se esgota em si mesma sem um mais além o possibilitasse viver o instante sem pensar no inevitável futuro de morte, nessa imbricação de Eros e Tânatos, se relacionando com a vida na morte e a morte na vida, havendo sempre um renascer na próxima mulher.

Essa é a eternidade para D. Juan.

⁴ LACAN, Jacques. *Seminário de la Angustia*. Aula de 20/03/1963. Versão Crítica de Ricardo Rodriguez Ponte.

⁵ *Ibid.*, aula de 20/03/1963, p 10.